

“Seja um homem na sua melhor versão”: plataformas digitais e produção de masculinidades

Carolina Bianchini Bonini¹
FFLCH-USP

Palavras-chave: Comunidades *red pill*; algoritmos e opressão; gênero e tecnologia.

I. Introdução

A emergência e consolidação de comunidades masculinistas online, autodenominadas "*red pill*", constitui fenômeno contemporâneo que articula tecnologias digitais, crises de masculinidade e gramáticas organizadas de misoginia. Inspiradas pela metáfora do filme *Matrix* (1999), na qual tomar a "pílula vermelha" significa despertar para verdades desconfortáveis, essas comunidades alegam revelar a "verdadeira natureza" das mulheres e das relações de gênero, prescrevendo estratégias de dominação masculina apresentadas como autoaperfeiçoamento legítimo.

Diferentemente de abordagens que tratam a *red pill* como mero conjunto de ideias misóginas circulando online, este ensaio propõe compreendê-la como fenômeno sociotécnico: rede complexa onde humanos (usuários, moderadores, "gurus" pedagógicos) e não-humanos (algoritmos de recomendação, sistemas de votação, interfaces de plataforma, dispositivos móveis) co-produzem subjetividades, discursos e práticas. Seguindo Latour (2012 apud Hine, 2020), trata-se de seguir os atores, incluindo actantes tecnológicos, para compreender como a misoginia é não apenas expressa, mas ativamente fabricada, ensinada, validada e normalizada em ambientes digitais.

A questão central que orienta esta investigação é: como arquiteturas de plataforma, dinâmicas algorítmicas e gramáticas comunitárias articulam-se na produção e amplificação de discursos e práticas misóginas em comunidades *red pill* brasileiras? Para respondê-la, realizou-se observação etnográfica no subreddit *r/RedPillBrasil* entre 11 e 14 de dezembro de 2024, com coleta de dez posts classificados como "em ascensão", permitindo análise de narrativas e categorias nativas.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

Teoricamente, o ensaio articula três campos: (i) antropologia digital, mobilizando conceitos de internet incorporada, corporificada e cotidiana (HINE, 2020) e redes sociotécnicas (LATOURE, 2012 apud HINE, 2020; PARREIRAS; LINS; FREITAS, 2020); (ii) estudos críticos de algoritmos, atentando para vieses, opacidade e governança algorítmica (DA HORA, 2023); (iii) feminismo tecnológico, especialmente a crítica de Haraway (2009) à "informática da dominação" e a análise de Lins (2019) sobre gênero, tecnologia e violência digitalmente mediada. Essa articulação permite compreender comunidades *red pill* como materialização contemporânea de opressões de gênero reconfiguradas por tecnologias digitais.

O ensaio estrutura-se em duas seções principais. A primeira apresenta os conceitos de internet incorporada e redes sociotécnicas, algoritmos e opressões e gênero, tecnologia e poder, estabelecendo arcabouço analítico para interpretação do material empírico. A segunda, "Anatomia digital da misoginia: observações em uma comunidade red pill", analisa a arquitetura da plataforma Reddit e os discursos e narrativas observados nos posts coletados, demonstrando como elementos técnicos e semânticos articulam-se na produção de pedagogias misóginas.

II. Perspectivas teóricas: internet, algoritmos e poder

2.1 Internet incorporada e redes sociotécnicas

A compreensão contemporânea da internet exige uma superação das dicotomias que marcaram os estudos iniciais sobre o tema. Miller e Slater (2004), em estudo etnográfico realizado em Trinidad, propuseram uma abordagem inovadora ao substituir o par de oposição real/virtual por online e offline, partindo da premissa de que não se trataria de mera modificação terminológica ou da manutenção da dicotomia, mas sim de repensar a própria relação entre o que está sendo chamado de online e de offline. Entre eles, haveria uma relação fluida, contextual e que só faz sentido a partir dos modos como os sujeitos dão sentido às suas práticas, aos seus usos e às relações que estabelecem (MILLER; SLATER, 2004 apud PARREIRAS; LINS; FREITAS, 2020).

Essa perspectiva alinha-se com a proposta de Hine (2020) de pensar a internet como incorporada (*embedded*), corporificada (*embodied*) e cotidiana (*everyday*). A autora argumenta que "a Internet pode ser vista como incorporada de acordo com muitas dimensões diferentes de incorporação" (HINE, 2020, p. 21), incluindo seu papel em

culturas específicas, organizações, instituições, famílias, escolas e dispositivos particulares. A internet não flutua livre do restante da experiência das pessoas, mas ganha significados múltiplos conforme é contextualizada em diferentes situações.

Como pontuam Parreiras, Lins e Freitas (2020, p. 2), o que chamamos de digital "se refere a um conjunto heterogêneo e bastante amplo de objetos, ações e relações sociotécnicas que se tornaram parte de nossa experiência cotidiana, modulada por marcadores sociais de classe, gênero, idade, raça, sexualidade, dentre outros". As autoras enfatizam que "não existe apenas uma internet para todos e todas, não existe apenas um Facebook ou um YouTube, pois, como pesquisadores/as, precisamos investigar como diferentes sujeitos ou grupos sociais se apropriam, vivenciam e conferem sentido a esses dispositivos tecnológicos, que são, como toda tecnologia, intrinsecamente sociais" (Parreiras, Lins e Freitas, 2020, p. 2).

Para compreender essas apropriações múltiplas, o referencial da Teoria Ator-Rede (TAR), desenvolvida por Bruno Latour, é útil para pensar fenômenos sociais a partir das redes sociotécnicas que os constituem, nas quais humanos e não-humanos (tecnologias, algoritmos, interfaces) atuam conjuntamente. Latour argumenta que devemos "seguir os próprios atores" para compreender como constroem suas associações, recusando separações a priori entre social e técnico, humano e não-humano (LATOUR, 2012 apud HINE, 2020).

Hine (2020, p. 12) observa que "a etnografia para a Internet não precisa assumir que há uma única Internet conhecível por aí - ao invés disso, busca entender a particularidade e a especificidade dos engajamentos com a Internet como um componente da vida cotidiana". Essa perspectiva é relevante para o estudo das comunidades *red pill*, pois estas não habitam um "ciberespaço" separado da vida cotidiana, mas constituem formas específicas de experienciar e mobilizar tecnologias digitais que estão incorporadas em contextos sociais, políticos e materiais concretos.

A internet incorporada também implica reconhecer suas dimensões materiais. Como apontam Parreiras, Lins e Freitas (2020, p. 4), "com a consolidação da internet sem fio e a popularização dos smartphones, deixamos de 'entrar na internet' e passamos a nela viver imersos". Essa imersão não é neutra: dispositivos específicos, velocidades de conexão, tipos de acesso e familiaridade com as tecnologias produzem experiências

radicalmente diferentes da mesma "internet", evidenciando desigualdades digitais estruturantes.

Assim, pensar as comunidades *red pill* como redes sociotécnicas significa atentar para como algoritmos, plataformas e usuários co-produzem um ambiente específico onde a misoginia é não apenas expressa, mas amplificada, ensinada, normalizada e transformada em infraestrutura cotidiana de socialização masculina.

2.2 Algoritmos e opressões

Da Hora (2023, p. 56) define a governança de algoritmos como os "mecanismos e estratégias adotadas para garantir a transparência, ética e responsabilidade no desenvolvimento, implementação e uso de algoritmos". Com o crescente uso dos algoritmos em várias esferas da sociedade, "a necessidade de estabelecer diretrizes e regulamentações para garantir seu uso ético e responsável tem se tornado cada vez mais evidente" (DA HORA, 2023, p. 56).

Um dos principais desafios da governança algorítmica, segundo Da Hora (2023, p. 56), "é lidar com o chamado 'viés algorítmico', que ocorre quando os algoritmos reproduzem ou ampliam preconceitos e desigualdades existentes na sociedade". A transparência emerge como "um elemento-chave na governança de algoritmos", exigindo que "os usuários devem ter conhecimento sobre quais critérios estão sendo considerados pelos algoritmos e como as decisões são tomadas" (DA HORA, 2023, p. 56). É essencial que as organizações "forneçam explicações claras e compreensíveis sobre o funcionamento dos algoritmos, permitindo que os usuários possam contestar ou questionar resultados injustos ou prejudiciais" (DA HORA, 2023, p. 56).

A autora articula cinco princípios fundamentais para orientar a governança de algoritmos: transparência, justiça, responsabilidade, supervisão humana e privacidade (DA HORA, 2023, p. 56-57). O princípio da justiça estabelece que "os algoritmos devem ser usados de maneira justa e não discriminatória", significando "que eles não devem ser usados para tomar decisões que prejudiquem as pessoas com base em sua raça, sexo, idade ou outras características protegidas" (DA HORA, 2023, p. 57). Quanto à responsabilidade, Da Hora (2023, p. 57) afirma que "as organizações que usam algoritmos devem ser responsáveis pelas decisões tomadas por esses algoritmos", o que

"significa que eles devem ser capazes de explicar como os algoritmos funcionam e porque tomam as decisões que tomam".

No contexto das comunidades *red pill*, esses princípios tornam-se especialmente relevantes. Os algoritmos de recomendação que amplificam conteúdo misógino, os sistemas de upvotes que recompensam posts extremos e os mecanismos de moderação (ou sua ausência) que permitem a proliferação de discursos de ódio operam, frequentemente, sem transparência ou *accountability*. Como aponta Da Hora (2023, p. 60), quando os algoritmos afetam "diretamente a vida das pessoas, como em sistemas de tomada de decisão em saúde, crédito, emprego, entre outros", a responsabilidade torna-se particularmente relevante. No caso das comunidades *red pill*, os algoritmos não apenas recomendam conteúdo, mas participam ativamente da construção de subjetividades misóginas, funcionando como infraestruturas de opressão de gênero que escapam à supervisão e à contestação pública.

2.3 Gênero, tecnologia e poder

Haraway (2009, p. 37), em seu seminal Manifesto Ciborgue, propõe que "nas tradições da ciência e da política ocidentais (a tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro), a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras". As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são, segundo a autora, "os territórios da produção, da reprodução e da imaginação" (HARAWAY, 2009, p. 37).

Haraway (2009, p. 37) argumenta que "o ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não alienado". Contudo, a autora alerta que "o principal problema com os ciborgues é, obviamente, que eles são filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal, isso para não mencionar o socialismo de estado. Mas os filhos ilegítimos são, com frequência, extremamente infiéis às suas origens" (HARAWAY, 2009, p. 40). Essa ambivalência fundamental - tecnologias nascidas de sistemas de dominação, mas potencialmente subversivas - é relevante para pensar as plataformas digitais contemporâneas.

A autora identifica três quebras de fronteira cruciais para a análise político-científica: entre humano e animal, entre organismo e máquina, e entre físico e não-físico. Particularmente relevante é a segunda distinção: "as máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado" (HARAWAY, 2009, p. 42). Nesse contexto, "nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes" (HARAWAY, 2009, p. 42).

Haraway (2009, p. 44) propõe que "o mito do ciborgue signifique fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades - elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político". No entanto, a autora reconhece que "tem-se tornado difícil nomear nosso feminismo por um único adjetivo", pois "as identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas" (HARAWAY, 2009, p. 48). Fundamentalmente, "não existe nada no fato de ser 'mulher' que naturalmente una as mulheres", e "a consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado" (HARAWAY, 2009, p. 48).

Lins (2019) demonstra empiricamente como essas questões se materializam nas experiências de mulheres com tecnologias digitais. Ao pesquisar sobre as maneiras pelas quais a temática da disseminação não autorizada de imagens eróticas de mulheres pela internet (ou vazamento de nudes) vem sendo definida nos diferentes contextos em que é acionada, demonstra que a disseminação não autorizada de imagens íntimas de mulheres revela "normativas de gênero e sexualidade que dispõem hierarquicamente comportamentos e sujeitos entre aceitáveis e condenáveis". A autora pontua que "os valores e sentidos atribuídos por diferentes interlocutoras da pesquisa à pornografia revelam normativas de gênero e sexualidade" (LINS, 2019, p. 106) que operam através das próprias plataformas digitais. A autora observa que smartphones, câmeras frontais e redes sociais constituem uma "tríade tecnológico-comunicacional" que torna possível "a circulação de conteúdos em velocidades e escalas sem precedentes, torcendo entendimentos e distinções entre público e privado, bem como noções intimidade" (LINS, 2019, p. 46). Essa transformação não é neutra em termos de gênero.

No contexto das comunidades *red pill*, essas dinâmicas de gênero, tecnologia e poder operam de forma ainda mais complexa. As plataformas digitais não são meros veículos para discursos misóginos preexistentes, mas actantes que participam ativamente da construção de subjetividades, pedagogias e infraestruturas de opressão. A intersecção entre gênero e tecnologia nas comunidades *red pill* evidencia o que Haraway (2009, p. 58-59) denomina "informática da dominação", um regime de poder reorganizado pelas tecnologias digitais. As comunidades *red pill* materializam essa "informática da dominação" ao utilizar algoritmos, sistemas de recomendação, arquiteturas de plataforma e dinâmicas de gamificação para produzir, amplificar e normalizar discursos e práticas misóginas, transformando a violência de gênero em infraestrutura cotidiana digitalmente mediada.

III. Anatomia digital da misoginia: observações em uma comunidade red pill

Os posts a serem analisados foram coletados no subreddit r/RedPillBrasil entre os dias 11 e 14 de dezembro de 2024, bem como sistematizados e numerados². O r/RedPillBrasil apresenta-se como "bate-papo sobre estratégia sexual numa cultura que tá cada vez mais sem uma identidade positiva para Homens", direcionado a "homens casados, homens em relacionamentos longos ou homens solteiros que querem seguir a filosofia e a metodologia da pílula vermelha", sob o lema "Seja um Homem na sua melhor versão". Durante o período de observação, foram coletados os dez primeiros posts classificados pela plataforma como "em ascensão", categoria algorítmica que prioriza conteúdos com engajamento crescente recente (upvotes e comentários acumulados em curto período). A escolha dessa categoria, em detrimento de "*hot*" (mais populares do momento) ou "*top*" (mais votados historicamente), justifica-se por captar dinâmicas emergentes da comunidade, revelando temas e narrativas em processo de validação coletiva. Todos os posts coletados foram produzidos pelo mesmo usuário (Obvious-Skill-710), evidenciando concentração autoral. A análise baseou-se exclusivamente em dados públicos e não contou com a interação da autora com a comunidade e seus internautas. Reconhece-se como limitação a análise de apenas dez posts, o recorte temporal restrito e a ausência de análise sistemática de comentários, que constituem "árvores de comentários encadeados" (BARBOSA NETO, 2017) onde debates e nuances emergem, bem como a ausência de interação da autora com a

² Os dez posts analisados podem acessados na íntegra neste documento: [RedPill Brasil - Posts](#).

comunidade e seus atores. Não obstante, a observação permitiu análise de narrativas estruturantes da comunidade, categorias nativas e prescrições normativas que caracterizam discursos *red pill* brasileiros, contribuindo para compreensão do fenômeno como uma rede sociotécnica de produção de subjetividades misóginas.

A tabela abaixo resume os *posts* coletados:

Tabela 1. Dez primeiros posts em ascensão no subreddit r/RedPillBrasil até 14 de dezembro de 2025

Título	Autor
Hero Worship (ou por que você ainda não tem Frame)	Obvious-Skill-710
5 coisas que as mulheres não querem que você saiba sobre namoro e relacionamentos:	Obvious-Skill-710
Como reconstruir sua vida: Sobre Self Made Man!	Obvious-Skill-710
A segunda fase da Red pill rage	Obvious-Skill-710
Como definir sua missão: um guia para escrever uma declaração de missão eficaz	Obvious-Skill-710
A maioria de vocês não vai conseguir!	Obvious-Skill-710

Fake it till you Make it! - Veja o exemplo de um Soldado	Obvious-Skill-710
Guia prático para voltar ao seu Frame	Obvious-Skill-710
Partiu, cama	Obvious-Skill-710
Futura esposa de vocês...	Autor desconhecido

Fonte: elaboração própria a partir de conteúdo disponibilizado na página <<https://www.reddit.com/r/REDPILLBRASIL>>.

3.1 Arquitetura da plataforma

O Reddit constitui uma das maiores plataformas de compartilhamento de conteúdo e discussão na internet. Segundo dados de 2015, a plataforma figurava entre os 15 sites mais acessados nos Estados Unidos e entre os 35 mais visitados mundialmente, abrangendo mais de 853 mil subreddits, cada um dedicado a temas específicos (BARBOSA NETO, 2017). Barbosa Neto (2017) explica que os *subreddits* podem ter diferentes propósitos: alguns focam no compartilhamento de links externos (como "Pics", "News", "Funny", "Gaming"), enquanto outros privilegiam posts textuais autorais onde usuários fazem perguntas e compartilham experiências pessoais (como "AskReddit", "IAmA", "ShowerThoughts").

A arquitetura da plataforma organiza-se a partir de submissões que funcionam como raízes de árvores de comentários encadeados, permitindo que usuários comentem

tanto as submissões originais quanto outros comentários. O sistema de votação (*upvotes* e *downvotes*) determina a ordem de exibição dos conteúdos e alimenta o "*karma*", mecanismo de reputação que contabiliza os votos positivos recebidos por cada usuário ao longo do tempo (BARBOSA NETO, 2017).

3.2 Informática da dominação em ação: discursos, performances e subjetividades

3.2.1 Frame, performance e a construção do "homem de alto valor"

O conceito de *Frame* emerge como categoria central nos discursos *red pill* brasileiros, referindo-se à capacidade masculina de impor sua "realidade" sobre outros, especialmente mulheres. O Post 1, intitulado "Hero Worship (ou por que você ainda não tem Frame)", explicita essa gramática ao afirmar que iniciantes copiam comportamentos de "influencers da *Red Pill*" sem desenvolver autenticidade: "Você nunca será aquele cara com quem você se masturba nas postagens e vídeos da RP. (...) Sua única chance real de salvação da bagunça da sua vida é aceitar quem você é".

A narrativa constrói uma trajetória evolutiva masculina estruturada em fases: o "cara anterior" (beta, fracassado), o "cara atual" (em transformação, ainda imitando), e o "cara do futuro" (autêntico, com *Frame* próprio). Essa progressão evidencia o que o Post 7 denomina "top 5%": apenas uma minoria alcançaria o status de "homem de alto valor", enquanto a maioria permaneceria "no centro da curva do sino".

O Post 3 prescreve ações específicas para "maximizar seu VSM" (Valor Sexual de Mercado): rotinas de condicionamento físico, "filtrar uma mulher de alta qualidade" e desenvolver "mentalidade de um Macho Alfa". A mercantilização das relações afetivas é explícita: mulheres são avaliadas como "produtos" e homens devem aumentar seu "valor" em um suposto "mercado sexual".

O Post 6 introduz linguagem militar ("Missão", "Arte Operacional", "Centro de Gravidade") para estruturar a vida masculina como campanha estratégica. A "Declaração de Missão" deve definir "Objetivo", "Método" e "Estado Final", todos centrados no eu masculino: "A chave aqui é que a missão é sobre VOCÊ, não seu casamento, não sua esposa. Concentre-se em VOCÊ". Essa hiperindividualização reflete o que Haraway (2009, p. 37) critica como "fantasias do eu último, libertado, afinal, de toda dependência".

O Post 9 oferece um "Guia prático para voltar ao seu Frame", prescrevendo seis etapas que incluem "conscientize-se do seu valor", "despedestalização" da parceira (reduzindo-a a "apenas uma garota que pouco faz para se aprimorar") e adoção de "egoísmo saudável". A construção de *Frame* exige, portanto, a sistemática desvalorização de mulheres e a centralização narcísica do eu masculino.

Esses discursos materializam o que Haraway (2009, p. 58-59) denomina "informática da dominação": tecnologias digitais reorganizam relações de poder através de linguagens de otimização, performance e valor de mercado. O VSM transforma intimidade em métrica quantificável.

3.2.2 Hipergamia, traição e natureza feminina

O Post 2 apresenta-se como revelação de "segredos" femininos: "5 coisas que as mulheres não querem que você saiba sobre namoro e relacionamentos". A estrutura retórica sugere conhecimento privilegiado, posicionando o autor como detentor de verdades ocultas sobre mulheres.

As cinco "revelações" constroem mulheres como essencialmente infiéis, oportunistas e hipergâmicas: (i) "fazem *monkey branch* mais rápido do que você imagina" (trocam de parceiro rapidamente); (ii) "*hypergamia* não se preocupa com a equidade do relacionamento" (buscam sempre parceiros de status superior, independentemente do investimento recebido); (iii) "namoram mais pessoas simultaneamente do que você (*gira os pratos*)" (mantêm múltiplos parceiros); (iv) "ficam entediadas mais rápido que os homens"; (v) "traem tanto quanto os homens, 'principalmente durante a ovulação'".

A última afirmação é particularmente reveladora: apela à biologia (ciclo menstrual) como determinante de comportamento social (infidelidade). Essa operação discursiva naturaliza construções culturais, apresentando-as como "fatos biológicos" imutáveis. A menção específica à ovulação mobiliza repertórios da psicologia evolucionista pop, sugerindo que mulheres são biologicamente programadas para trair quando férteis, supostamente buscando "melhores genes".

As categorias nativas *monkey branch* e *spinning plates* animalizam comportamentos afetivos femininos, equiparando mulheres a primatas que "pulam de

galho em galho" ou a "pratos" que precisam ser mantidos girando. Essa desumanização linguística facilita a instrumentalização de mulheres como objetos a serem gerenciados, não sujeitos com quem se relacionar.

Como pontua Lins (2019), esses discursos "revelam normativas de gênero e sexualidade que dispõem hierarquicamente comportamentos e sujeitos entre aceitáveis e condenáveis" (p. 106). A hipergamia, apresentada como "natureza feminina", é na verdade uma narrativa que justifica controle masculino: se mulheres são biologicamente inconstantes, homens devem monitorá-las, manipulá-las e mantê-las sob domínio para evitar traição.

3.2.3 "Red Pill Rage": vitimização masculina e gramáticas da raiva

O Post 4 descreve a "segunda fase da Red Pill Rage", etapa pedagógica onde homens, após transformação inicial (academia, leitura, mudança comportamental), experienciam frustração porque suas parceiras não responderam conforme esperado: "depois de todo esse trabalho, ele merece não é?".

A narrativa identifica um padrão: homem descobre *red pill* após relacionamento sexual insatisfatório ("viver de pornografia, batendo punheta no canto"), consome conteúdo red pill ("mundo de fantasia de masturbação"), transforma-se fisicamente e comportamentalmente, mas a parceira permanece "em algum lugar no limbo. Confuso talvez, chateado talvez".

A "raiva" emerge quando a transformação masculina não produz submissão feminina automática. O texto descreve pensamentos típicos: "sua mulher deveria estar chupando e adorando seu pau como as outras esposas de caras sobre as quais ele lê"; "com que facilidade ele poderia moldar uma nova mulher do zero".

O post valida essa raiva e fantasias de traição/abandono como etapas necessárias do "amadurecimento" *red pill*: "Este é um ótimo momento para conduzir, com ação, a vida sexual que você deseja". A narrativa autoriza violação de compromissos ("Faça o que quiser, porque no final das contas você ficará bem") como exercício de "Frame" e eliminação do "Beta interior".

Essa narrativa inverte relações de poder: apresenta homens que praticaram anos de comportamento "beta" (presumivelmente respeitoso, igualitário) como vítimas de

suas parceiras, justificando vingança através de infidelidade ou abandono. Como observa Parreiras et al. (2020, p. 2), isso evidencia como "tecnologias são intrinsecamente sociais": a *red pill* não é apenas conjunto de ideias, mas pedagogia sociotecnicamente mediada que ensina, passo a passo, como transformar frustração em domínio.

O Post 8 oferece gramática explícita de incorporação de scripts *red pill* através da repetição performativa. O autor descreve sua trajetória pessoal: inicialmente, ao receber *shit tests* (testes que as mulheres utilizariam com homens durante o processo afetivo), reagia com argumentação, súplicas, concessões (todos classificados como DBV - Demonstração de Baixo Valor). Após descobrir *red pill*, aprendeu a "simplesmente calar a boca", estratégia que "funcionou maravilhas".

A descrição da incorporação é detalhada: "a princípio, o silêncio criava pânico. Meu coração parecia estar batendo fora do meu peito. (...) Mas então, 5 minutos depois, minha esposa esqueceu o que ela estava reclamando". Progressivamente, o autor desenvolveu respostas "engraçadas", técnica de *agree and amplify*: quando criticado, exagera a crítica de forma cômica para desqualificá-la.

O texto teoriza explicitamente sobre performatividade: "no início eu estava fingindo (...) Eu literalmente dizia a mim mesmo: 'Isso foi um teste de merda, vá em frente e feche essa boca' dentro da minha cabeça. Mas depois de fazer isso 10 vezes, 20 vezes etc., você não está mais fingindo, é apenas o que você faz. E o que você faz é quem você é". Essa gramática revela compreensão de como performances repetidas produzem subjetividades. Não se trata de "ser autêntico", mas de treinar respostas até que se tornem automáticas, naturalizadas.

O Post 7 traz uma narrativa meritocrática sobre o tornar-se um "homem de alto valor": "A maioria de vocês não vai conseguir! E é assim que deve ser. A maioria dos caras é uma merda". O texto celebra o elitismo ("top 5%"), desqualifica homens "medianos" e realiza cobranças através de desmotivação: "Gosta de ser mediano. Porque isso é tudo que a maioria de vocês será".

Essas pedagogias evidenciam o que Latour (2012 apud Hine, 2020) denomina redes sociotécnicas: as transformações subjetivas não ocorrem apenas "na mente", mas através de dispositivos (posts, vídeos, comunidades online), repetições performáticas e

validações algorítmicas (upvotes recompensam performances bem-sucedidas). A *red pill* funciona, assim, como tecnologia de produção de masculinidades, fabricando sujeitos através de treino, disciplina e incorporação de scripts.

IV. Considerações Finais

Esta pesquisa propôs-se a investigar as comunidades *red pill* brasileiras como fenômeno sociotécnico, atentando para as dinâmicas através das quais misoginia é produzida, ensinada, validada e normalizada em ambientes digitais. Através da análise de dez posts coletados no subreddit r/RedPillBrasil entre 11 e 14 de dezembro de 2024, foi possível identificar padrões discursivos, arquiteturas de plataforma e pedagogias de incorporação que transformam opressão de gênero em projeto de autoaperfeiçoamento masculino digitalmente mediado.

O enquadramento teórico mobilizado - articulando perspectivas da antropologia digital (Hine, 2020; Parreiras, Lins e Freitas, 2020), estudos críticos de algoritmos (Da Hora, 2023), Teoria Ator-Rede (Latour, 2012 apud Hine, 2020) e feminismo tecnológico (Haraway, 2009; Lins, 2019) - permitiu compreender as comunidades *red pill* não como meros espaços onde discursos misóginos circulam, mas como redes sociotécnicas onde humanos (usuários, moderadores, "gurus" pedagógicos) e não-humanos (algoritmos de votação, sistemas de karma, interfaces de plataforma) co-produzem subjetividades masculinas baseadas em controle, dominação e mercantilização de relações afetivas.

A análise da arquitetura do Reddit revelou como elementos técnicos - sistema de upvotes/downvotes, acúmulo de karma, organização em subreddits semi-autônomos, affordances de anonimato - não são neutros, mas participam ativamente da construção de consensos comunitários. Algoritmos não apenas refletem preferências, mas as produzem através de ciclos de retroalimentação: posts misóginos que recebem mais upvotes tornam-se mais visíveis, recebem ainda mais upvotes, estabelecem-se como "verdades" comunitárias. O algoritmo, assim, opera como actante que amplifica vieses, recompensa extremismo e invisibiliza contestações, materializando o que Da Hora (2023, p. 57, 60) identifica como ausência de "supervisão humana" e "prestação de contas" em sistemas algorítmicos.

A análise discursiva evidenciou três operações centrais: (i) essencialização biológica, através da qual mulheres são construídas como naturalmente hipergâmicas,

infiéis e manipuladoras, justificando vigilância e controle masculinos permanentes; (ii) mercantilização afetiva, que reconfigura relações íntimas como transações em "mercados sexuais" onde homens calculam VSM (Valor Sexual de Mercado) e mulheres são "filtradas" por "qualidade"; (iii) incorporação performativa, pela qual masculinidades dominadoras são fabricadas através de treino disciplinado de scripts comportamentais (calar a boca diante de reclamações, *agree and amplify*, "despedestalização" de parceiras) até que performances se naturalizem como "autenticidade".

Essas operações materializam o que Haraway (2009, p. 58-59) denomina "informática da dominação": regime de poder reorganizado pelas tecnologias digitais, caracterizado por linguagens de otimização, performance, quantificação e competição permanente. O VSM transforma intimidade em métrica; o *Frame* converte relações em operações táticas; a "Red Pill Rage" autoriza vingança como exercício legítimo de autonomia masculina. Como observam Parreiras, Lins e Freitas (2020, p. 2), "tecnologias são intrinsecamente sociais": o VSM não mede valor preexistente, mas o produz através de dispositivos discursivos e algorítmicos.

Teoricamente, a pesquisa demonstrou a produtividade de articular antropologia digital, estudos críticos de algoritmos e feminismo tecnológico para compreender fenômenos contemporâneos de opressão digitalmente mediada. Seguindo Hine (2020, p. 12), a investigação não pressupôs "uma única Internet conhecível", mas buscou entender a particularidade dos engajamentos *red pill* com tecnologias digitais. Mobilizando Latour (2012 apud Hine, 2020), foi possível "seguir os atores" - humanos e não-humanos - mapeando redes sociotécnicas através das quais misoginia é produzida. Inspirando-se em Haraway (2009), a análise atentou para como tecnologias, embora "filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal" (p. 40), nem sempre são "infiéis às suas origens": as comunidades *red pill* materializam ciborgues patriarcais que realizam, através de plataformas digitais, fantasias de domínio masculino total.

Empiricamente, a pesquisa contribui para estudos sobre masculinidades em ambientes digitais, demonstrando como plataformas como Reddit funcionam como laboratórios de experimentação comportamental onde homens testam scripts aprendidos online em interações offline, retornam online para relatar resultados, ajustam técnicas e acumulam reconhecimento (*karma*) através de testemunhos "bem-sucedidos". Esse

circuito contínuo - consumir pedagogias *online*, experimentar *offline*, reportar *online*, ser validado algoritmicamente - constitui infraestrutura sociotécnica de produção de subjetividades misóginas.

Os achados desta pesquisa abrem agendas investigativas futuras: análises comparativas entre plataformas (Reddit, YouTube, Telegram); estudos sobre trajetórias de radicalização e transições para extremismos; investigações sobre resistências e contra-narrativas; pesquisas sobre impactos *offline* das pedagogias *red pill* em relacionamentos e locais de trabalho; análises sobre economia política e monetização de conteúdos misóginos; e pesquisas propositivas sobre governança de plataformas, design de interfaces e políticas de moderação que mitiguem amplificação algorítmica de opressões.

A pesquisa compreende que comunidades *red pill* não são fenômenos marginais ou subculturas irrelevantes. Constituem gramáticas organizadas de misoginia que alcançam milhares de homens, especialmente jovens em busca de respostas para inseguranças afetivas e crises de masculinidade. Plataformas digitais, através de arquiteturas que recompensam engajamento independentemente de conteúdo, algoritmos que amplificam extremismos e ausência de *accountability*, transformam-se em infraestruturas de radicalização.

As comunidades *red pill* evidenciam urgência de governança democrática de plataformas digitais. Não se trata de censura, mas de *accountability*: empresas que lucram com amplificação algorítmica de opressões devem ser responsabilizadas; comunidades que organizam pedagogias de manipulação devem ser contestadas; usuários vulneráveis à radicalização devem receber contra-narrativas e apoios. A pesquisa constata, por fim, que abordagens antropológicas - atentas a particularidades, comprometidas com descrições densas, sensíveis a agências distribuídas entre humanos e não-humanos - contribuem fundamentalmente para compreender e enfrentar opressões digitalmente mediadas.

V. Referências Bibliográficas

BARBOSA NETO, Samuel Martins. Revealing social networks' missed behavior: detecting reactions and time-aware analyses. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Computação) – Instituto de Matemática e Estatística, Universidade de São Paulo, São

Paulo, 2017. Disponível em:
<<https://doi.org/10.11606/T.45.2017.tde-24082017-000227>>. Acesso em: 14 dez. 2024.

DA HORA, Nina. Algoritmos. Rio de Janeiro: Edições 70, 2023.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: _____. Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 29, n. 2, 2020.

LATOUR, Bruno. Máquinas; Centrais de cálculo. In: _____. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora da UNESP, 2000. p. 169-237; 349-420. [1987]

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. Tradução de Marcela Mortara. In: PARENTE, André (org.). Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 39-63.

LINS, Beatriz Accioly. Caiu na rede: mulheres, nudez e violência na internet. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cybercafés em Trinidad. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

PARREIRAS, Carolina. (2011). “Não leve o virtual tão a sério”? - uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no online. In: FERIANI, Daniela Moreno; CUNHA, Flávia Melo da; DULLEY, Iracema. (orgs). Etnografia, Etnografias. Ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico. São Paulo: Annablume.

PARREIRAS, Carolina; LINS, Beatriz; FREITAS, Eliane. Estratégias para pensar o digital. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 29, n. 2, 2020.

REDPILLBRASIL. r/RedPillBrasil: comunidade sobre estratégia sexual e filosofia da pílula vermelha. Reddit, 2024. Disponível em: <<https://www.reddit.com/r/REDPILLBRASIL/>>. Acesso em: 14 dez. 2025.